

O menino e a política

No limiar do Século XXI, na Capital da Esperança, Edwan Lopes da Costa, de oito anos, teve amputada sua perna esquerda, abaixo do joelho, porque não havia soro antiofídico. Quase um século após Oswaldo Cruz, a febre amarela e o dengue, característica de cubata, são encontradas em nossas cidades maravilhosas.

- 2 MAI 1986

O quadro, porém, não atormenta determinadas consciências. Do Comitê de Imprensa do Senado, onde escrevo, avisto a retirada do mármore externo do Ministério da Justiça para não prejudicar a estética, de acordo com o comunista Oscar Niemeyer. Gastarão cerca de Cz\$ 1 milhão. Não sei para onde irá o mármore, nem quem autorizou sua colocação para prejudicar a imagem das linhas clássicas com o céu azul no fundo. Sei quem pagou: o povo.

No oposto ao Comitê, das janelas de alguns gabinetes, distantes 70 metros, vê-se a azáfama do canteiro de obras do Panteão Nacional, homenagem aos que morreram pela Pátria, construído à sombra do mastro da bandeira e de suas ondulações. A Nação o inaugurará em meses e será justa a festa para os heróis de ontem e os de hoje, promotores de nossa glória.

Pena que Edwan não possa, como outras crianças, participar da solenidade, assustar as pombas, torná-la mais garrida, como nossos bosques. Do leito do hospital poderá, no entanto, acompanhar pela televisão a felicidade pátria, exaltada nesta época em que nos preparamos, com afinco, para mostrar, nos campos de Cortez, a pujança de nossa raça.

A perna de Edwan não é uma questão nacional, nem política. Nacional se a saúde do povo fosse um problema do Governo e se este tivesse que responder porque se morre ou se perde uma perna por picada de cobra na Capital da República. Ninguém é culpado, também, se o "aedes aegypti", voltou, com a febre amarela e o dengue. Os planos para combatê-lo estão em milhares de edições pagas pelo erário.

Também não é uma questão política porque Edwan não tem, ainda, 18 anos e, portanto, não pode votar. Não é sequer um cidadão. Fosse eleitor e encontraria milhares de candidatos e de parlamentares angustiados com seu drama. É só por isto, não por desinteresse ou falta de tempo, que ninguém debateu no Congresso o desamparo em que se encontra o Instituto Butantã, a política de saúde. Por isso, só por isso, ninguém se preocupou com a coleta de 30 cobras em uma escola de Brasília, que já teve um projeto educacional admirável, exemplar.

Compreende-se que a perna de um não-eleitor seja uma preocupação menor. Os políticos estão discutindo assuntos graves, como o novo prazo para mudar de partido, o tempo que terão de graça na televisão e rádio para bradar seu carinho ao povo, acertar suas composições. Eles estão muito ocupados e não podem desviar sua atenção.

Enquanto não for um cidadão, não puder votar, Edwan nada poderá fazer. Ninguém lhe fará sequer uma promessa ou visita ao leito do hospital. No máximo poderá lembrar-se da recomendação do poeta, se já a ouviu antes, de que deve amar com fé e orgulho a terra em que nasceu porque não verá nenhum país como este.

JOÃO EMILIO FALCÃO

CORREIO BRASILEIRO